

FELICIDADE OU FUGA?
HAPPINESS OR ESCAPE?

Thais Sangiorgi¹, Ingrid Verônica Pinto Barreiros¹, Mário Luís Ribeiro Cesaretti²

O panorama atual do viver do século 21 nos mostra a vida ideal como a busca do ter... ter boa aparência física, que envolve corpo malhado, bronzeado, cabelo, vestuários, acessórios, aparelhos eletrônicos de última geração. A lista é enorme, mas não para por aí, vai além do material, envolve também a busca pela correção das características indesejadas da fisionomia seja através de cirurgias plásticas ou outros artifícios estéticos de um mercado que não tem crise e com curva de crescimento ascendente. Mas, além disso, outro grande apelo da mídia que conquistou a mente coletiva é o do bem-estar, das propagandas onde só vemos rostos jovens, magros e alegres, sorrindo e de bem com a vida. Existem várias pessoas que ao vislumbrar esta imagem ideal não medem esforços para conquistar esta “felicidade” embalada e disponível em prateleiras.

Sentir dor é algo inaceitável neste conceito de vida “feliz”. Ninguém quer ser visto como frágil, vulnerável ou não participante dessa sociedade de consumo.

O sofrimento passou a ser considerado doença. A tristeza, a angústia, a ansiedade, a dor e a própria doença antigamente eram consideradas pelos filósofos e artistas como pontos para reflexão e interiorização, autoconhecimento e aprimoramento da alma e, em muitos casos, até a força de inspiração para seus trabalhos artísticos.

Hoje, sofrer qualquer tipo de ansiedade é motivo para a ingestão múltipla de medicamentos, mesmo que na maioria das vezes eles sejam dispensáveis. É como se eles pudessem curar todos os problemas de existência do ser humano.

Com isso, há uma glamorização em torno dos ansiolíticos, analgésicos, relaxantes musculares, anti-inflamatórios, antidepressivos, moderadores de apetite e psicotrópicos em geral.

A questão do inegável abuso verificado no consumo de medicamentos demanda uma séria reflexão. É fato o grave problema da automedicação. No Brasil existe uma grande oferta de medicamentos à disposição dos consumidores, uma prática corriqueira e muito perigosa, já que todo medicamento tem riscos, mesmo aqueles que parecem inofensivos e não exigem a prescrição médica para a compra.

É comum as pessoas terem em casa a famosa “farmacinha”: a famosa caixinha de remédios à qual recorrem quando surge uma dor qualquer.

Um dos riscos da automedicação é o mascaramento do quadro clínico e o conseqüente diagnóstico equivocado ou tardio. Em ambos os casos, há retardo no tratamento correto, o que pode desencadear uma série de complicações.

Outros problemas são as interações medicamentosas, as alergias, as dosagens e as administrações inadequadas - tanto em quantidades baixas quanto em quantidades altas, acarretando efeitos colaterais.

A automedicação é um problema grave de saúde pública e tem forte relação com o mercado ocupado pela indústria farmacêutica, que investe milhões em pesquisas importantes, buscando a cura das pessoas, mas é a mesma que não mede esforços ao recorrer a todo tipo de marketing e propagandas para esvaziar as prateleiras das farmácias, tudo para vender medicamentos.

O medicamento é visto como uma mercadoria comum, os doentes como meros clientes, criando uma cultura desenfreada de consumo excessivo dos mais variados tipos de medicamentos.

Consoante a esse aspecto, há uma ideia enganosa de que o medicamento irá resolver o problema e trazer a felicidade. Muitos escolhem e usam suas “pílulas da felicidade” por conta própria, ou sob orientação de amigos, diante de um transtorno qualquer.

Não que a medicina tenha que fechar os olhos para todos os casos e não tratá-los, mas até que ponto medicamentos são necessários para tratar esses sintomas? Será que o autocontrole, a paciência e a coragem para enfrentar as adversidades da vida não seriam mais indicados? Até que ponto estamos envenenando nosso eu e não o curando verdadeiramente? Tratar o efeito da doença com drogas e não a sua causa só retarda seu diagnóstico ou o agrava, tanto no âmbito físico como psíquico.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 16, n. 4, p. 207, 2014

1. Aluna do Mestrado Profissional em Educação nas Profissões da Saúde - FCMS/PUC-SP

2. Professor do Depto. de Ciências Fisiológicas e do Mestrado Profissional em Educação nas Profissões da Saúde - FCMS/PUC-SP

Recebido em 10/11/2014. Aceito para publicação em 24/11/2014.

Contato: ingridvpb@pbgest.com.br